

Notas sobre a “periculosidade” de um pensamento: o caso Galileu

Emanuel Germano (Bolsista FAPESP – DF/USP/SP)

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

*“Pela boca morrem o peixe e Oscar Wilde”
Manoel de Barros, Arranjos para assobio*

No dia 05 de março do ano de 1616 a *Sagrada Congregação do Índice* publicava em Roma o decreto que suspendia os direitos de impressão, publicação, posse ou leitura em qualquer idioma do livro *As revoluções dos orbes celestes* de Nicolau Copérnico. No mesmo édito condenava-se também outras obras que procediam à defesa da “falsa doutrina pitagórica da mobilidade da terra e imobilidade do Sol”¹: O comentário sobre *Jó* de Diego Zuñiga - era decretado suspenso até sua correção; o livro do padre carmelita Paolo Foscarini *Sobre as opiniões dos Pitagóricos e de Copérnico a respeito da mobilidade da terra e estabilidade do sol e o novo sistema Pitagórico do mundo* fora totalmente proibido e condenado.

Paolo, Bispo de Alba, redator da condenação, no início do decreto argumentava em favor desta drástica atitude com as seguintes palavras: “Visto fazer já algum tempo que vieram a lume, entre outros, alguns livros que contém várias heresias e erros, a Sagrada Congregação dos Ilustríssimos Cardeais da santa Igreja Romana, delegados para o Índice, foi de parecer que eles deviam ser totalmente condenados e proibidos para que, de sua leitura, não surgissem, com o passar dos dias, prejuízos cada vez mais graves em toda a República Cristã”² À condenação da obra de Copérnico e de alguns de seus defensores, seguia-se ainda uma advertência; “para que esta opinião não medre mais, destruindo a verdade católica (...) todos os demais que ensinam o mesmo devem ser igualmente proibidos.”³

Com esta demonstração de autoridade, a Santa Igreja Católica dava continuidade à “política do silêncio” que levara Giordano Bruno, em 1600, na Piazza del Fiori em Roma, à fogueira da Inquisição. Entretanto, o estopim deste “novo” ataque contra o copernicanismo, não fora desencadeado pelo “caso Bruno”, mas pelas observações celestes oriundas da pesquisa astronômica elaborada com o auxílio de um novo instrumento - o telescópio - conduzidas e difundidas por Galileu Galilei. Tal investigação foi responsável por reacender a polêmica sobre o copernicanismo, com novos e *evidentíssimos* argumentos em favor do heliocentrismo. O cientista que não teve seu nome envolvido publicamente na condenação de 1616, todavia, como sabemos, anos depois, teve sua obra queimada e condenada: Galileu, ameaçado de tortura, assinaria em 22 de junho de 1633 -vestido de penitente- a abjuração que lhe pouparia a vida, sendo, não obstante, condenado ao confinamento perpétuo até sua morte em 8 de janeiro de 1642. Qual seria o verdadeiro motivo do *perigo* representado pelo copernicanismo investido na figura de Galileu para o poder e domínio da “Santa Igreja católica”, já que esta entendia nessas idéias *ameaçadores* prejuízos “cada vez mais graves” para à saúde da “República Cristã”?

Poderíamos, de alguma maneira, concordar que o *perigo* residiria na contrariedade da hipótese copernicana com relação às Escrituras – motivo sublinhado *à ferro e fogo* pelos Padres. Ou poderíamos, de outro modo (aumentando visivelmente o escopo da reflexão) concordar com C. Z. Camenitzki, dizendo que “*do ponto de vista histórico, a condenação de Galileu ocorre, de fato, por força da destruição desta visão do mundo (da cosmologia aristotélica). em germe na obra galileana*”⁴. Ainda, seriam ambas explicações suficientes para abranger toda a dimensão da querela, posto que as implicações político-filosóficas das idéias de Galileu vão muito além da refutação da cosmologia de Aristóteles ou da exegese dos Padres? Em nosso módico esforço de reflexão investigaremos nuances na querela epistolar que antecedeu à condenação de 1616 da obra de Copérnico⁵ na qual se entremostra a dimensão da “periculosidade” das idéias de Galileu para o poder político encarnado na autoridade eclesiástica da época. Destacaremos que já ali, estão dispostos os elementos decisivos que compõe à álgebra do processo sofrido por Galileu dezessete anos depois, que, em 1633, provocaria à abjuração de toda sua obra perante à Inquisição.

Nos serviremos para tanto, da análise destas mencionadas cartas que, segundo C.A. Nascimento, formam um dossiê das relações entre ciência e fé no século XVII⁶; são elas: a *carta a Benedetto Castelli* (21, dez., 1613), as duas *cartas a Piero Dini* (16, fev., 1615; 23, mar., 1615), a *carta à Senhora Cristina de Lorena* (meados de 1615), além das *Considerações acerca da opinião copernicana* (fim de 1615), e da *carta de Roberto Bellarmino à Paolo Foscarini* (21, abr., 1615).

Na carta a Monsenhor Piero Dini, de 16 de fevereiro de 1615, Galileu se diz surpreso com as “invectivas lançadas do púlpito” contra a doutrina de Copérnico contra os astrônomos e a própria astronomia. Em suas palavras se entremostam sinais da recente querela que iria, a partir daí, alargar-se; “*desejo que o Sr. saiba como não se aquietaram as incendidas iras daqueles, embora nem eu nem outros tenhamos feito um mínimo movimento ou mostrado ressentimento acerca dos insultos com que fomos, não com muita caridade, agravados(...) tendo-lhes chegado, não sei de onde, cópia de uma carta que escrevi o ano passado ao Padre matemático de Pisa a respeito de citar as autoridades sagradas em discussões sobre a Natureza e na explicação da passagem de Josué, vão bradando a respeito encontrando nela, pelo que dizem, muitas heresias e, em suma, abriam um novo flanco para me dilacerar*”⁷

A bem da verdade, através do relato de Galileu na primeira carta a Dini, nos deparamos com indícios dos primeiros rumores do que viria concretizar-se na condenação da doutrina de Copérnico em 1616: A ira dos dominicanos teria sido deflagrada *não* pelo conteúdo propriamente científico da doutrina, mas pela leitura de uma carta que Galileu enviara a Benedetto Castelli em caráter privado, anos antes, em 21 de dezembro de 1613, e que fora lançada ao público sem qualquer tipo de autorização, na qual o cientista *perigosamente*, adentrava no terreno dos Padres ao proferir suas idéias acerca da interpretação da escrituras, e comentando ele mesmo uma passagem de Josué (10, 12-13). Se a carta fôra mesmo alterada e enviada para o Santo Ofício pelo padre dominicano Niccolò Lorini no dia 07 de fevereiro de 1615 (como

nos conta C.A. Nascimento), não nos cabe investigar neste pequeno escrito. Todavia, nos interessa notar que a carta a Benedetto Castelli original, sem alterações, a qual Galileu suplica posteriormente seja enviada até ao Ilustríssimo cardeal Bellarmino para evitar “mal entendidos” contém passagens bastante ilustrativas da “periculosidade” das idéias do filósofo e matemático Galileu, segundo os *olhos* da autoridade eclesiástica.

Na carta a Benedetto Castelli, além de propor uma interpretação copernicana da passagem de Josué, que fôra assinalada pela Grã-Duquesa Mãe como evidência contrária ao heliocentrismo, Galileu tece também considerações sobre o uso da Sagrada Escritura em discussões que levam a conclusões naturais. Malgrado sua intenção defender a doutrina copernicana contra as acusações de heresia ao adentrar no terreno da hermenêutica bíblica Galileu expõe conseqüências filosóficas, religiosas e políticas contidas ali, estarrecedoras para os padres, e que teriam (possivelmente) sido silenciadas pelo próprio Copérnico com o propósito de manter a paz com a Igreja: a ambigüidade da estratégia de Galileu para livrar Copérnico do Index se insinua já em seu primeiro comentário; “*se bem que a Escritura não possa errar, os seus intérpretes e expositores poderiam, entretanto, incorrer por vezes em erros, e de vária maneiras.*”⁸ Ao duvidar da legitimidade da interpretação da Sagrada Escritura elaborada pelos padres, Galileu se dirige bem ao centro do orgulho eclesiástico.

Adentrando no terreno religioso Galileu expõe suas idéias: (1) se há verdades irretorquíveis demonstradas pela ciência e é também irretorquível a verdade das Escrituras, os enganos residem na *interpretação* das Escrituras; (2) a impossibilidade de ater-se ao “puro significado das palavras” na Sagrada Escritura sob o risco de erros grotescos, já que esta, destinada para assuntos relativos à salvação, fôra elaborada segundo a linguagem metafórica própria ao vulgo, de modo que caberia aos *sapientíssimos intérpretes* revelar seu verdadeiro sentido; (3) a prevalência da experiência e a impropriedade da utilização da Escritura para as discussões científicas (nas palavras de Galileu) “*a natureza, inexorável, imutável é indiferente a que suas recôndidas razões e modos de operar sejam acessíveis ou não ao entendimento dos homens, razão pela qual jamais transgride os termos das leis por ela impostas, parece-me (diz Galileu) que o concernente aos efeitos naturais, que a experiência sensível coloca-nos diante dos olhos, ou que as necessárias demonstrações comprovam, não deva de maneira alguma ser colocado em dúvida pelas passagens da Escritura (...) pois nem toda afirmação da Escritura amarra-se a uma obrigação tão severa como cada efeito da natureza.*”⁹

Podemos entrever nestas passagens a insinuação de duas idéias que se fundem: primeiramente a insinuação da incompetência dos padres intérpretes para retirar da Sagrada Escritura conclusões relativas às ciências naturais já que não seria propósito do livro sagrado revelar acerca das ciências tarefa destinada à experiência sensível e às demonstrações necessárias a ela relativas¹⁰; paralelamente Galileu insinua que o justo entendimento das passagens bíblicas só pode ser feito mediante este conhecimento mesmo, oriundo da experiência sensível e de suas relativas demonstrações, ou seja a partir do conhecimento das cifras de um outro livro, isto é, do “*grandíssimo livro que aí está aberto continuamente diante dos olhos - o Universo*”¹¹ Nas palavras de Cassirer “*em lugar da revelação através da palavra de Deus entra a revelação através da obra de Deus, a qual só pode ser corretamente entendi-*

da e interpretada se for estudada com os novíssimos métodos objetivos"¹² Notemos que está sendo feita uma exigência nunca antes destinada aos padres que aprendam a geometria para aprender a ler o "livro do universo" já que esta é a cifra sem a qual o conhecimento do mundo e a inteligibilidade plena das Escrituras torna-se impossível. Ambiguamente, a reação contra o avanço dos padres no território científico a defesa (portanto) da autonomia da ciência dá-se propriamente na intervenção do campo destinado aos teólogos, ou seja, não caminha (pelo menos diretamente) para a dissociação entre as ordens do saber e sim para a subordinação da teologia às ciências naturais: uma subversão completa na hierarquia das ciências.¹³

Assim mais do que limitar as concepções endossadas pela autoridade eclesial através das "*infinitas, admiráveis e altíssimas conclusões que a ciência contém*"¹⁴ obtidas pela experiência e pelo uso das matemáticas (restringindo-as à conformidade com as evidências sensíveis), Galileu se faz o intérprete nas palavras de P. Rossi "o único intérprete legítimo da ordem divina da natureza."¹⁵

As interpretações bíblicas que Galileu empreende, enfim, refletem com precisão a "periculosidade" do pensamento galilaico. Primeiramente acentuam a intervenção num domínio restrito aos padres (as exegeses guardam já boa dose de ousadia em seu propósito, pois combate aos exegetas com as mesmas armas com que esses o atacaram a *sofisticação* das Escrituras facilitada pela linguagem simbólica da mesma insinuando "*quanto é grande o abuso querer valer-se das Sagradas Escrituras em questões naturais, e que ótimo conselho seria proibir que em tais disputas não se empenhassem as Escrituras*"¹⁶). Outro aspecto que levantamos a pouco acreditamos, também não passa despercebido pelo crivo do Santo Ofício: aos olhos dos padres, Galileu, "o mensageiro das estrelas" faz-se *intérprete*, ousa entender *melhor* a Bíblia que os próprios homens santos, mais ainda que os próprios Santos; o "perigo" de Galileu está também, pois, nesta ousadia presente na revelação objetiva do mundo que se mostra presunçosa ao ponto de rivalizar com o "*olho da alma*" dos santos padres¹⁷

De fato, tais nuances da interpretação dos padres sobre as cartas de Galileu, compõe as alegações que encontramos na denúncia enviada ao Santo Ofício em 7 de fevereiro de 1615, feita pelo dominicano Niccolò Lorini e elaborada a partir de uma crítica da carta a Castelli; "*que nas disputas sobre os efeitos naturais, a Escritura venha em último lugar, que os seus comentaristas muito freqüentemente erram na sua exposição, que a mesma Escritura não se deve imiscuir em outra coisa que não os artigos de fé, e que nas coisas naturais tenha mais força o argumento filosófico ou astronômico que o sagrado e o divino.*"¹⁸

De fato, não apenas na carta a Castelli (alterada ou não), também noutras¹⁹ encontramos provas, do que aos olhos dos padres poderia consistir na reincidência "herética" galilaica: inúmeras passagens refletem o "otimismo exagerado"²⁰ do filósofo com relação as suas mais recentes descobertas ao passo que são também inúmeras as passagens em que trata com eminente desconfiança, a inteligência e a honestidade dos padres seus *adversários*. A julgar pela interpretação literal da Sagrada Escritura em voga na época, este tipo de recorte nas cartas de Galileu e sua relativa exegese pode ter sido de grande utilidade para fomentar a indisposição dos padres contra o cientista.

Uma passagem da carta a Castelli sintetiza bem esta inclinação dos textos de

Galileu: *“E Quem quererá colocar um limite à capacidade do espírito humano? Quem ousará afirmar já ser conhecido tudo que existe de cognoscível no mundo?(...)E, se assim é, não seria maior inconveniência ainda fazê-lo segundo as opiniões de pessoas que, além de ignorarmos se falam inspiradas pela virtude celeste, sabemos serem realmente desprovidas da necessária inteligência, já não direi para redarguir, mas para compreender as demonstrações mediante as quais procedem as irretorquíveis ciências ao confirmarem algumas de suas conclusões ?”*²¹ Notemos que o otimismo de Galileu em relação as ciências naturais provém da recém descoberta possibilidade de amplificação da acuidade do olhar sobre o Universo; lembremos passagens do *Sidereus Nuncius* de 1610: *“Grandes sem dúvida são as coisas que neste breve tratado proponho à contemplação dos estudiosos da natureza. Grandes, digo, seja por sua inaudita novidade, seja enfim pelo instrumento por força do qual essas coisas se desvelaram aos nossos sentidos (...)Assim, creio que não é um mau resultado ter posto fim às disputas referentes à Galaxia, ou antes Via Láctea, descobrindo aos sentidos e mais ainda ao intelecto a sua essência(...) Todas essas coisas por mim observadas e descobertas não faz muitos dias, mediante um óculo inventado e construído por mim previamente iluminado pela graça divina.”*²²

Apesar desta pequena menção à graça divina, a tônica que marca este texto inicial do *Sidereus*, (espírito também presente nas cartas) é a independência e potência do *olhar* fomentando o orgulho de conhecer: o olhar amplificado de Galileu está ciente de revelar a verdade mesma das coisas é o indício do que começa a engendrar-se na secularização do mundo clara ameaça ao Império da Igreja instituído a partir da crença e da superstição. Lembremos entretanto que este entusiasmo do *olhar* não era partilhado por todos. A bem da verdade, as “*experiências evidentiíssimas*” e “*observações refinadíssimas*”²³ do cientista, embora concedessem maior plausibilidade às idéias de Copérnico trazendo *ótimos* e *notáveis* argumentos a favor dela, estavam longe de por término às *disputas referentes à Galáxia* como almejava Galileu ; para os padres - nada convencidos das evidências claríssimas apontadas pelo cientista em favor do copernicanismo a defesa do realismo do sistema copernicano provava apenas a imprudência, a presunção e o orgulho do cientista além de deixar patente o desrespeito à hierarquia das ciências que reservava à teologia o discurso sobre a verdadeira natureza das coisas²⁴.

Este grave motivo de indisposição com os padres pode ser apreciado na carta de 12 de abril de 1615, do cardeal Roberto Bellarmino a Paolo Foscarini, na qual o cardeal (também conhecido “amistosamente” como o “martelo dos hereges”), analisa a carta enviada por Galileu a Castelli: *“Digo que me parece que Vossa paternidade e o Senhor Galileu ajam prudentemente, contentando em falar ‘por suposição’ e não de modo absoluto, como eu sempre cri que tenha falado Copérnico. Porque dizer que, suposto que a Terra se move e o Sol está parado, salvam-se todas as aparências melhor do que com a afirmação dos excêntricos e epiciclos, está dito muitíssimo bem e não há perigo algum. E isto basta para o matemático. Mas querer afirmar que realmente o Sol está no centro do mundo(...) é coisa muito perigosa não só de irritar todos os filósofos e teólogos escolásticos, mas também de prejudicar a Santa Fé ao tornar falsas as Sagradas Escrituras”*.²⁵ Podemos entrever a partir deste texto do *ilustríssimo* cardeal Roberto Bellarmino que a questão científica em disputa não constituía o grande perigo em questão no ‘caso Galileu’ A pesquisa científica copernicano

galilaica poderia, segundo o cardeal, ter continuidade sem qualquer perigo se desenvolvida de acordo com o instrumentalismo "*ex- supositione*" presente nos estudos do "Colégio dos Jesuítas" sendo deste modo preservada a oportunidade de salvar as aparências do movimento celeste de modo *multíssimo melhor* que na teoria anterior. O que incomodava de fato ao poderoso Bellarmino - e que certamente era também o grande motivo de irritação dos cientistas e teólogos escolásticos - eram as conseqüências político religiosas implicadas na aplicação filosófica que Galileu fazia das idéias de Copérnico ;ou seja ,a contraposição à estrutura hierárquica das ciências e a conseqüente intromissão no domínio da exegética bíblica, pois (nas palavras de Bellarmino) "*o Concílio proíbe explicar as Escrituras contra o consenso comum dos Padres*" e a Igreja não pode tolerar "*que se dê as Escrituras um sentido contrário aos Santos Padres e a todos os expositores gregos e latinos*"²⁶

Não obstante o alerta "generoso" de Bellarmino sobre a prudência necessária para o tratamento destas difíceis questões, o filósofo Galileu não media esforços para defender suas convicções *multíssimo verdadeiras e irrefutáveis*²⁷ como podemos atestar neste trecho que responde às críticas de Bellarmino: "*ao que creio desejar convencer de que Copérnico não julgava verdadeira a mobilidade da Terra não poderia encontrar assentimento senão talvez da parte de quem não o tenha lido, estando seus 6 livros cheios de doutrina dependente da mobilidade da Terra e que a explica e confirma*".²⁸ No final de 1615 Galileu *ainda* não parecia ciente do perigo de condenação a que expunha o pensamento de Copérnico a quem atribuía a concepção realista da ciência que divulgava²⁹ pois proferia a ignorância e incompetência da Igreja para julgar a ciência: "*o que pois, se deve dizer ou em que conta ter os gritos e as fúteis bisbilhotices de alguém que nem sequer percebeu os primeiros e mais simples princípios destas doutrinas, nem acaso é capaz de entendê-los jamais em algum tempo ?*"³⁰ Do mesmo modo, Galileu também não se abstém de discutir questões relativas ao Concílio e à interpretação das Sagradas Escrituras afrontando diretamente às críticas efetuadas pelo cardeal Bellarmino. ³¹

Diante destas manobras comprometedoras no "terreno minado"³² dos padres não nos parece descabida a opinião de Piero Guicciardini escrita e enviada a Cosme II: "(Galileu) *tem extrema paixão dentro de si, e pouca prudência e fortaleza para saber vencê-la(...) e não percebe e não vê o que seria necessário, de tal modo que (...) continuará enganado dentro de si e se colocará em perigo*".³³

Não obstante Galileu se tenha livrado da condenação do pensamento de Copérnico em 5 de março de 1616 recebendo do próprio cardeal Bellarmino um atestado de que nada abjurou e de que não lhe fora imposta qualquer penitência os elementos que comporiam a álgebra da condenação de 1633 estavam determinados.

Dezessete anos depois, na quarta-feira de 22 de junho de 1633, dia seguinte à ameaça de tortura, na grande sala do monastério dominicano de Santa Maria sopra Minerva em Roma, o penoso e interminável julgamento da Inquisição se encerraria concedendo a Galileu o *privilégio* da abjuração e colocando enfim às claras, através da sentença, as razões do Santo Ofício na condenação do subversivo: "*Visto que tu, Galileu, filho e Vincenzo Galilei, Florentino, idade de setenta anos, fôra denunciado desde 1615 a este Santo Ofício tomando como verdadeiro a falsa doutrina segundo a qual o Sol esta no centro do mundo e a Terra se move(...)Visto que possui discípulos*

aos quais ensina a mesma doutrina, e que sobre o mesmo assunto, mantém correspondência com os matemáticos alemães(...)visto que as objeções que lhe foram apresentadas, tiradas das Santas Escrituras, tu respondias interpretando tal Escritura a tua maneira; visto que nos foi apresentado um escrito em forma de carta endereçada a um dos seus discípulos, na qual dizia que da opinião de Copérnico se retira várias proposições contrárias ao verdadeiro sentido da autoridade da Santa Escritura; por todas essas razões, este Santo Tribunal está resolvido em remediar a desordem e o perigo que crescem prejudicando a Santa fé...”³⁴

No mesmo dia ele é conduzido ao ato solene de *contrição* no qual é obrigado a renegar toda sua obra: “Eu, Galileu, filho do falecido Vincenzo Galilei, Florentino, idade de setenta anos, pessoalmente presente diante deste Tribunal, ajoelhado diante de vós, Eminentíssimos Reverendos Cardeais, Inquisidores gerais em toda República Cristã contra a perversidade herética; eu juro que sempre cri, que creio agora, e com ajuda de Deus, continuarei no futuro a crer, tudo o que se tem por verdadeiro, pregado, e ensinado pela Santa Igreja católica e apostólica(...)Em conseqüência, almejando suprimir do espírito de Vossas Eminências e de todos os fiéis cristãos esta veemente suspeita, justamente causada por mim, eu venho de coração sincero e de uma fé não fingida abjurar, maldizer e detestar os descritos erros e heresias contrárias à Santa Igreja. E juro que futuramente não direi nem afirmarei jamais, nem verbalmente, nem por escrito, coisas que possam fazer-me suspeito.”³⁵

Deste modo, a Santa Igreja Católica reafirmava plenamente sua autoridade estendida aos mais recônditos domínios, lançando o “martelo dos hereges” contra um de seus mais refinados opositores: abatendo publicamente o orgulho e a ousadia de Galileu Galilei.

BIBLIOGRAFIA

- GALILEU, G. *Ciência e Fé*. Istituto Italiano de Cultura, 1988.
 GALILEU, G. *Mensagem das Estrelas*. col. Clássicos da Ciência, 1987
 NAMER, E. *L'Affaire Galilée*. Archives Gallimard Julliard, 1975.
 NASCIMENTO, C. *De Tomás de Aquino a Galileu*. Trajetória, 19
 ROSSI, P. *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*. UNESP, 1992.
 CASSIRER, E. *El problema del conocimiento* Fondo de Cultura Econômica, 1993

NOTAS

1. GALILEU, G. *Ciência e Fé* p.108[323]
2. idem ;p.107[322]
3. idem ;p.108[323](grifo nosso)
4. GALILEU, G. *Mensagem das Estrelas*. p.19
5. Tais cartas que compõe a reunião intitulada “Ciência e Fé”
6. GALILEU, G. *Ciência e Fé*. p.11
7. idem; p. 26[292]
8. idem; p.18[282]

9. idem; p.19[283]

10. *“Se os primeiros escritores sacros tivessem a intenção de instruir o povo sobre as disposições e os movimentos dos corpos celestes, não teriam dedicado a tal assunto um tratamento tão restrito que é como se nada fosse em comparação com as infinitas admiráveis e altíssimas conclusões que tal ciência contém.”*{p.21[285]}

11. *Il Saggiatore*, In Opere, vol.6, pg.6, 232.

12. Cassirer(1967),p.148. in P. Rossi

13. Nos referimos a hierarquia das ciências de influência aristotélica que subordina as demais ciências à teologia.

14. GALILEU.G. *Ciência e Fé* .p.21[285]

15. P.Rossi, p.102.

16. Carta de Galileu a Diodari, 15 de janeiro de 1633.

17. Consideramos significativa a passagem da carta a Castelli na qual se entremostra a lente científica de Galileu condicionando a interpretação copernicana literal da passagem de Josué: *“Tendo eu, portanto, descoberto e logicamente demonstrado que o globo do Sol se movimenta em torno de si mesmo, fazendo uma inteira evolução em um mês lunar(...)e se, conforme a tese de Copérnico, atribuímos principalmente à Terra a evolução diurna; quem não vê que para deter todo o sistema bastou deter o Sol, como exatamente indicam as palavras do texto sagrado, sem alterar o restante das recíprocas relações dos planetas, alterando somente o espaço e o tempo da iluminação diurna ?(...)Eis pois, o modo segundo o qual, sem introduzir confusão alguma entre as partes do mundo e sem alterar as palavras da Escritura, é possível, mediante a detenção do Sol, prolongar o dia na Terra...”*{p.24[288]}

18. Galilei(1890-19090,v.5, p.301.(Op.cit.); P. Rossi, p.104.

19. Encontramos passagens que explicitam a desconfiança com os padres presentes em diversas cartas: *..parece-me que tenho motivo de não estar de todo seguro a respeito da suma prudência e santidade daqueles de quem há depende a resolução final. De tal modo, que aquela não possa ainda ser em parte seduzida por esta fraude que se apresenta sob o manto do zelo e da caridade”*{p.29[295]}; e ainda;p.42[310];p.43[311];p.44[312]; p.45[313]; p.55[322];p.75[343].

20. A expressão se encontra em C.A .Nascimento,p.13

21. p.20[284]

22. GALILEU,G. *Mensagem das Estrelas*. p.35,36.

23. GALILEU ,G. *Ciência e Fé*. P.85[353]

24. Segundo a hierarquia das ciências vigente, de inspiração aristotélica tomista enquanto à teologia como rainha e tutora de todas as ciências, cabe a elaboração de um discurso concernente a natureza das coisas, à astronomia limitar-se-ia a construir artifícios técnicos capazes de “salvar os fenômenos”; assim as hipóteses astronômicas não seriam nem verdadeiras nem falsas mas eficazes ou não pois nada diriam a respeito da natureza dos movimentos celestes , nem tampouco, explicariam seu “por quê” Uma passagem e T. de Aquino é ilustrativa para compreendermos a ótica dos padres : *“Na astronomia estabelece-se a razão dos excêntricos e epiciclos pelo fato de que admitindo esse fundamento, podem-se salvar as aparências sensíveis a respeito dos movimentos celeste, sem ser contudo essa razão suficientemente probante; pois, talvez, admitida outra suposição, as referidas aparências se pudessem salvar.”*(in T. de Aquino à Galileu, p.174.)

25. GALILEU, G. *Ciência e Fé* p.105[171]
26. idem; p.106[172]
27. idem; p.33[299]
28. idem; p.32[298]
29. “Mas(Copérnico), verificando depois, com longas observações sensíveis, com eventos concordes e firmíssimas demonstrações, que estava de tal modo de acordo com a harmonia do mundo, que ficou inteiramente certo de sua verdade”.{p.88[356]}
30. idem; p.86[354]
31. Itens 4 e 5 da *III Consideração sobre a opinião Copernicana*. Notemos que segundo C.A. Nascimento a *III Consideração* dedica-se a rebater ponto à ponto as críticas efetuadas pelo cardeal Bellarmino.
32. A expressão é de P.Rossi ,p.115.
33. Carta de P. Guicciardini a Cosme II, 4 de março de 1616.
34. NAMER, E. *L’Affaire Galilée*. Collection Archives Gallimard Julliard, 1975. Pp.220,221.
35. Idem;p.226.